Foto: WALTER SAN PAYO

Sumário

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, T. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

Assinatura ao ano 12$00 esc. — Avulso 1$00 esc.

Nº 77
Setembro
— 1945 —

MOLICEIROS
Foto: ALBERTO FONSECA

A VIDA É COMO O MAR...

A vida é como o mar — comparação já banal, mas verdadeira. Como o mar tem marés: maré cheia de esperanças, maré vazia de alegrias...

Como o mar tem ondas: ondas que vêm e vão, iguais e diferentes como as horas dos nossos dias...

Como o mar tem escolhos: obstáculos e perigos...

Como o mar tem encantos e segredos...

Como o mar tem tempestades: procelas em que se enfurecem contra nós as fôrças do mal.

Quando contemplamos um barco sôbre o mar, sentimo-nos impressionados com a sua fragilidade. Não é maior a nossa segurança sôbre o mar da vida!

Mas nos barcos existe um pequeno objecto que dá confiança para arrostar contra o furor do mar: a boia de salvação.

Não teremos, também nós, para o mar da vida, uma «boia de salvação» à qual nos possamos agarrar e em que fiquemos seguros?

Temos, sim!

A fé é a nossa «boia de salvação!» Podem as vagas erguer-se e o vento soprar: agarrados a ela, flutuaremos sem perigo de nos afundarmos.

. . . .

Nas tuas férias, não largues a «boia»! Guarda a tua fé, pratica a tua fé — vive a tua fé! E então, embora as ondas da vida sejam fortes e altas — grandes as dificuldades e perigosas as tentações — não poderão nada contra ti!

COCCINELLE

RAPARIGAS DE ONTEM MULHERES DE SEMPRE

"Cantaline", a sincera

A França preparava-se para viver aquêle século que ficaria assinalado como o «grande» na história, nas artes, nas letras, nas instituições e nas gentes.

Reinava ainda Luiz XIII; o futuro Rei-Sol não nascera ainda sequer, mas o grande Ministro Richelieu já lhe preparava o reinado de glória, quando em 1623 o jóvem e brilhante Celso Benigno, único filho varão dos barões de Chantal, entrado havia anos na carreira das armas, desposou Maria de Coulanges. Dessa união nasceu, em Paris, três anos mais tarde, a cinco de Fevereiro de 1626, a pequena Maria de Rabutin, de Chantal, a última dessa família de nobres magistrados e militares.

Corria-lhe nas veias sangue borgonhês. Os seus maiores tinham vivido naquela província, governada por reis e duques famosos: Roberto, o Piedoso, João, o Bom, Filipe, o Ousado, João, sem Mêdo, Filipe, o Bom, Carlos, o Temerário.

Devido a esta ancestralidade, por certo, a pequena Maria demonstrou possuir, desde a mais tenra idade, aquêle generoso entusiasmo, temperado por tranqüilo bom senso, verdadeiro apanágio da gente da Borgonha.

A educação esmerada, que recebeu, desenvolveu até ao mais alto grau êsses dons naturais, tornando-a um modêlo de equilíbrio, apesar de ter perdido os pais, quando menina ainda.

Com efeito, Celso Benigno morreu tinha ela pouco mais de um ano, no combate entre os inglêses, na ilha de Ré. Seis anos mais tarde, Maria, perdia a mãe. Estava, portanto, órfã.

Encarregou-se de lhe dirigir a educação e administrar os bens, seu tio materno, Cristóvão de Coulanges, abade de Livry.

Maria sempre o amou e admirou, chamando-lhe o «Bem-Bom». Entregou-a êle aos cuidados de Melle de Golrory e deu-lhe os melhores mestres do tempo; os mais eruditos e brilhantes. Entre os quais Chapelain e Ménage.

Ambos passaram à posteridade, mais por causa das críticas de Boileau e de Molière, do que pelas suas próprias obras. E' que seguiam a Escola do Preciosismo, escrevendo e falando com modos afectados, como então se usava. Maria aprendeu com êles a lingua materna, o italiano, o espanhol, mas ficou sempre sincera, na maneira de sentir e de exprimir-se.

Porquê?

Porque desde pequenina ouvira contar um facto ocorrido em Dijon, em 1610, e que ficara célebre nos anais da família.

Seu pai tinha ao tempo catorze anos, já saíra das «mãos das damas», como se dizia, e deveria em breve abraçar a carreira das armas. Sua avó, a baroneza de Chantal, tendo criado o filho e casado a filha mais velha, Maria-Aimé, resolvera abandonar o mundo em companhia da outra filha, Francisca, e fundar a célebre Ordem de Santa Maria da Visitação.

O filho, porém, não podendo compreender tal atitude, tentou dissuadi-la e, como o não conseguisse, recorreu aos meios violentos, que a pouca idade e o génio impetuoso lhe aconselharam. Deitou-se no chão, diante da porta, impedindo assim a passagem da mãe.

Esta, chorando embora, e murmurando: «que querem, sou mãe», passou por cima do corpo do filho e partiu.

Maria, foi o ai-Jesus da avó religiosa, que lhe chamava a «sua Cantaline» e dela escrevia: «A educação dessa querida boneca toca o meu coração... amo-a como amava o pai... O coração parte-se-me ao contemplá-la».

Madame de Sévigné

Maria sentia-se igualmente atraída por essa avó tão terna, e um dia perguntou porque sendo ela tão boa, tivera coragem de sair de casa pisando o próprio filho... «Porque era êsse o seu dever, e acima do amor de mãe, ela punha a sinceridade, para com a sua consciência, para com Deus», foi lhe respondido.

Cantaline, não retorquiu, mas guardou a lição. Tôda a sua vida parece dominada pela sombra gigantesca da avó santa. A última vez que a viu, tinha sòmente quinze anos, e aos cinqüenta, ao passar por Moulins, quiz ficar no quarto onde morrera Santa Joana de Chantal, e aí escreveu uma das suas mais belas cartas. Ao sessenta e quatro anos ainda a recordava nestes termos: «Minha avó vivia tôda na oração... querer ultrapassá-la, seria querer ultrapassar o próprio paraíso».

Até aos dezoito anos, a vida de «Cantaline» decorreu entregue ao estudo. Conhecendo profundamente as línguas estrangeiras, manejava a sua com rara elegância e facilidade. Lia e comentava os clássicos latinos assim como os pensadores do tempo.

Foi então que pelo casamento com o Marquês de Sévigné, passou a freqüentar a mais alta aristocracia do sangue e do pensamento. Era assídua da côrte e do célebre «Hotel de Rambouillet» onde se reúnia tudo o que havia de mais distinto no mundo das letras e das artes.

Em breve viu o seu nome nas páginas do Dicionário das Preciosas de Somaige, o que era uma honra.

Conviveu com tôdas aquelas damas que assinalaram com a sua presença e espírito o século de Luis XIV: M.elle de Scudérz, M.me de Rambouillet, de Montespan de Conlages, de Maintenon, de La Valière, de Rohan, de Hauteville, e tantas outras.

Viúva aos vinte e seis anos, concentrou tôda a sua afeição nos dois filhos, ma[is] em especial na filha, a futura M.me de Gri[gnan], a quem ficou devendo a glória lite[rária] de que hoje goza.

Com efeito, Maria de Rabutin d[e] Chantal, Marqueza do Sévigné, senhor[a] de vasta cultura, admirada por artista[s] e letrados, freqüentadora do salão qu[e] maior influência exerceu no embelez[a]mento da lingua franceso, que chegou a[té] nós aureolada de prestígio literário [e] comparável ao do grande La Fontain[e] não deixou nenhum livro impresso ou ma[]nuscrito.

Ao morrer, em 1696, ficava apenas [a] sua correspondência

A que dirigiu às pessoas das su[as] relações sociais — como o Senhor de Pon[]ponne — aos parentes — como o Senhor [e] a Senhora de Coulanges, mas principa[l]mente as cartas em que quási diàri[a]mente relatava à filha os mil e u[m] acontecimentos que ia presenciando.

Madame de Grignan, no seu cas[]telo da Provença, lia passagens dess[as] cartas maternas aos familiares e con[vi]dados. O auditório sentia grande praz[er] em «ouvir falar» a Marqueza, tão rea[is] eram as notícias. M.me de Sévigné relata[va] e comentava os factos com uma arte q[ue] a todos enchia de agrado.

Por fim, quando do centenário da Ma[r]quesa, foram essas cartas publicadas, e[m] 1726, trazendo assim para o conhe[ci]mento geral aquelas páginas íntima[s] repassadas de amor materno, «minha f[i]lha as tuas dôres são as minhas», [] idéias belas e generosas, de alegria e e[n]canto.

Muitos escritores, antes e depois [da] Marquesa, tentaram o género epistolar [] mais difícil. Foram seus contemporâne[os] Voiture e Balzac (não confundir com [o] autor da Eugénia Grandet), mas o p[ú]blico nunca apreciou essas cartas «for[ja]das», escritas propositadamente para ê[le] embora dirigidas a personagens pseud[o]-existentes.

Hoje ninguém os recorda e as Cart[as] da Marquesa lêem-se como se fôssem [es]critas nos nossos dias. Como explicar [o] facto? É que Maria de Rabutin, de Cha[n]tal, soube conservar tôda a sua vi[da] aquêles dotes de observação, de bo[m]-senso, de equilíbrio, que tornavam e[n]cantadora a pequena «Cantaline» de o[u]trora.

E embora tivesse lidado com os ma[io]res personagens do seu tempo — sou[be] guardar aquele tesouro que é a since[ri]dade e simplicidade da alma.

Ficou sempre igual a si própria, se[m]pre natural.

As suas cartas agradaram-nos, pre[n]dem-nos, porque são sinceras.

Saint-Beuve, o grande crítico, conside[ra] as obras primas no estilo e no pen[sa]mento, e no entanto a Marquesa afirm[a] «escrevo de uma penada, escrevo co[mo] penso... e o que penso!»

Se todos usássemos de tal franque[za] de processos, muitos dos nossos escri[tos] seriam apenas a demonstração do no[sso] mau humor, pessimismo, impaciência [e] arrelias! Não é verdade? Somos assi[m] ... êsse o nosso estado natural, e para s[er]mos sinceros teríamos de confessar [] passamos o dia com a testa franzid[a] ar de poucos amigos, desconfiando [] outros e de nós próprios.

Seria esta a sinceridade de Maria [de] Rabutin? Longe disso! Das suas car[tas] desprende-se uma noção de alegria [in]terior, de paz da alma, confiança [em] Deus e nas possibilidades daqueles [que] tem vontade firme, e esclarecida. Mas [se] pensarmos bem a sua vida foi cheia [de] desgostos! Desgostos bem mais fund[]

(Continua na pág. 15)

O GRUPO DOS CINCO

O livro recentemente publicado pelo Padre Moreira das Neves, em que através de esclarecido pensamento católico são magistralmente interpretados os Dramas Espirituais de cada um dêsses cinco grandes escritores portugueses do século XIX, é forte e admirável lição de justiça e de caridade que merece ser apontada como guia seguro da mocidade descuidosa dos perigos da leitura. E porque a *admiração literária e humana simpatia,* que aproximou o autor dêsses homens notabilíssimos que foram glórias das nossas letras, não poderiam deixar de reanimar em nós a mesma admiração literária e humana simpatia que lhes tributou o pintor *José Leite,* oferecemos à mocidade atenta, as suas não menos interessantes interpretações artísticas de *Antero do Quental*, *Oliveira Martins*, *Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão* e *Guerra Junqueiro.*

"*Distinguir para compreender e compreender para ser justo é norma de correcção intelectual que jàmais devíamos esquecer*„ diz o Padre Moreira das Neves ao explicar na Introdução do seu trabalho o "*Grupo dos Cinco*„. Aconselhamos pois à Mocidade que comece pela leitura do "*Grupo dos Cinco*„ quando principiar a ler as obras de algum dos cinco do Grupo...

Herthaleite

Receitas de doces de fruta, da minha avó

ESTAMOS no Outono, a época da maior abundância de frutas! Êste ano, apesar da terrível seca, tem havido muita e se tivéssemos açúcar podíamos fazer dôce para guardar. No entanto, apesar do racionamento, privando-nos um pouco de tomar chá e café com açúcar podemos guardar algum para êsses dôces que no inverno nos fazem tanto geito e nos sabem tão bem. Com as célebres «panelas de pressão» podem-se fazer compotas para guardar quási ou sem açúcar, mas para isso é preciso ter a panela e a ciência...

Não é dessa ciência que hoje lhes queria falar, mas sim das receitas da minha avó. Uma delas é o mais «moderna» possível apesar de ter sido escrita há 50 anos no livro que possuo.

Passo a copiar o que a letra legível e firme da querida avó me diz.

★

COMPOTA DE PÊCEGO EM LATAS

Tira-se o caroço ao pêcego descasca-se e parte-se ao meio. Deita-se em água fria. Tem-se ao lume água a ferver. Vão-se deitando os pêcegos que fervem durante dois minutos. Depois de todos prontos, põem-se a esfriar.

Faz-se uma calda de espafana baixa e deixa-se também esfriar. Quando tudo está completamente frio, enchem-se as latas com os pêcegos e deita-se em cada uma, uma amêndoa do do carôço do pêcego, pelada e cobrem-se êstes com a calda. Soldam-se as latas, metem-se num tacho. Cobrem-se bem de água fria e põem-se ao lume. Em fervendo bem, vê-se pelo relógio que fervam durante oito minutos. Tira-se o tacho do lume mas só se tiram as latas para fora quando a água está fria. Pêso de açúcar para a compota: metade do pêso dos pêcegos.

Sendo para as ginjas a 4.ª parte.

Não acham interessante como já se sabia êste método?

DÔCE DE CASTANHA

Coze-se 1 Kilo de castanhas. Depois de bem cozida, é descascada e passada por uma peneira de cabelo ou de arame muito fino e deixa-se esfriar. Na mesma água em que se cozem as castanhas (que devem ser 1 litro) deita-se 900 gramas de açúcar fino, deixa-se tomar ponto de espadana. Tira-se do lume e deixa-se perder completamente a fervura. Mistura-se então a massa da castanha, desfazendo-a bem com uma colher. Volta ao lume com um pouco de baunilha, (ao gosto de cada um) para engrossar e quando se veja uma estrada larga no fundo do tacho, ou se prenda a colher voltando esta cheia de dôce, está pronto.

DÔCE DE FIGO

Para um Kilo de figo, 1 1/2 de açúcar. O figo deve ser pouco maduro. Tira-se-lhe a flôr da casca, o verde, raspando com uma faca. Deita-se água a ferver e tapam-se durante meia hora. Se algum rebenta tira-se para fora. Põe-se o açúcar ao lume (era melhor ser pilé) em fervendo um bocadinho deita-se os figos para dentro (devem já estar escorridos) deixa-se ferver até os figos ficarem cozidos. Tira-se tudo do lume e deixa-se tudo assim até o dia seguinte. Leva-se de novo ao lume e deixa-se tomar ponto alto, está pronto.

FIGOS COBERTOS

O mesmo processo da receita anterior com diferença de que na segunda vez que vai ao lume não toma ponto. E' só uma fervura. Depois tira-se do açúcar e põe-se êste em ponto de rebuçado. Só neste ponto se tornam a deitar os figos que devem ficar ao lume até obsorverem a calda. Tiram-se para umas travessas, deixando-os ali a enxugar uns dias. Polvilham-ee de açúcar pilé. Ficam muito bonitos, parecem cristalizados.

Para três duzias de figos, 500 gramas de açúcar fino.

Os dôces da avó ficavam sempre numa delicia! Ia sempre para a cozinha fazê-los ou explicar como se faziam e o resultado saboroso, era apreciadíssimo pelos netos.

FRANCISCA DE ASSIS

Penteados

A simplicidade do penteado contribui para a distinção das raparigas

Um dos adornos mais bonitos da mulher é sem dúvida o cabelo.

De todos os tempos foi esta beleza feminina cantada pelos poetas e retratada pelos pintores. Em tôdas as épocas tem sido sua gala uma trança loira, castanha ou negra, e um trôço de cabelo farto e brilhante.

Reza a tradição que Maria Madalena tinha um lindo cabelo que a cobria tôda como um manto.

E vem escrito no Novo Testamento que quando já convertida lavou e ungio os pés do Senhor, limpou-os com o seu cabelo. No seu desejo de honrar a Deus limpou os pés de Jesus com o melhor que tinha, aquilo a que mais aprêço dava: o seu cabelo.

Aqui há 60 ou 80 anos atrás, uma senhora era sempre penteada pela sua criada, e nem lhe ocorria pentear-se a si própria.

Os penteados complicados e os cabelos mais compridos que o braço impossibilitavam-na de se pentear sòzinha. Os cabelos de algumas senhoras batiam à curva do joelho, e outros iam quási aos pés.

A «Bela Geraldine» que encantava o público do Coliseu dos Recreios, deve a sua fama ao seu lindo cabelo loiro que usava solto.

Na época em que vivemos o cabelo sofre uma transformação e uma mutilação que as nossas avós não admitiriam.

Felizmente, já lá vai a moda de quando éramos pequenas: — o cabelo à «Joãozinho» — Que horror!

Não há ninguém que olhando a moda que se seguiu de 1914 a 1930, não estremeça de pasmo e não se ria divertida perante a bizarria cómica dos retratos dessas épocas.

São tão anti-estéticos que poucas pessoas têm a coragem de os conservar na sala de visitas, pelo menos os de corpo inteiro.

A moda do cabelo cortado, empolgou as multidões femininas e foi adoptada incondicionalmente por tôdas as classes de mulheres.

Será que é o símbolo da emancipação da mulher?

Creio que para a Cristandade latina o cortar do cabelo foi mais ou menos o que a abolição do véu foi para as turcas.

Mas isto de modas, cada qual as interpreta da sua maneira. E' como aquêle camponez que dizia: — «Cada um goza com a idéia que tem». — E, voltando aos cabelos que agora se usam cortados e soltos sôbre os ombros e costas, notai bem quanto o camponez tinha razão.

— Aí vai uma *«jovem» de 50 e alguns anos*. Gorda, pescoço curto, cabelo do mais puro loiro solto sôbre as costas. Julga que tem 20 e poucos anos.

E' feliz consoante à idéia que tem.

Aí vêm as raparigas das escolas alegres, chilriantes, sobrecarregadas de pastas, livros e ciência.

Cada uma procura ser «o seu tipo ideal», e como o ideal de hoje é muitas vezes cinema, é fácil de reconhecer.

Aquela extraordinária e fatal, quer ser a Marlène. Aquela outra com a boca esborratada por fora e a permanente nas pontas dos cabelos gordurosos, quer ser Joan Crawford. Ainda há uma muito esguia e trágica na sua mocidade, que é a Greta Garbo; e duas outras loiras com os cabelos caídos, demasiadamente compridos, com metade da cara e um ôlho tapado por uma melena. Estas são as cópias daquela senhora do cinema que é uma «sereia» muito bonita mas que nunca se lhe vê senão metade da cara.

Não se discute se os ideais são elevados. São felizes com êles; é tudo.

Mas quem passa vai notando a falta de gôsto e de limpeza.

Se de repente nos pudéssemos ver tal qual somos, com as nossas fraquezas e disfarces que só a nós enganam, coraríamos de vergonha!...

Os cabelos soltos sôbre os ombros, são lindos, quando bem tratados e não compridos de mais. Mas a rapariga que estuda ou trabalha não tem tempo para tratar do seu cabelo, e por isso é preferível usá-lo de maneira mais prática e simples. Além de que se torna monótono e impessoal ver tôdas as raparigas penteadas da mesma forma.

As permanentes são outra coisa de que se usa e abusa com perfeita inconsciência e que na maioria dos casos resulta mal, e é feia.

A menina do liceu, a criada, a mulher da hortaliça, a varina etc, tudo usa *«permanente»*.

E que *permanente!* Justos Céus!!...

Permanentes que fazem da mulher europeia uma africana da selva angolana! Chega-se a ter saüdades do cabelo liso e escorrido!

É às raparigas que lembramos, que ao menos *«elas»*, raparigas de hoje, andem cuidadas e bem penteadas.

A higiene é indispensável para a saúde do cabelo como para o corpo todo. E' preciso lavar o cabelo, escová-lo, e penteá-lo para que tenha um aspecto bonito e *lustroso* sem ser *gorduroso*.

Bem penteada uma rapariga melhora muito a sua aparência.

E não se esqueçam que uma imitação, por muito bem feita que seja, nunca tem o valor de um original.

Por isso, mais vale ser «nós mesmas» que uma apagada cópia de alguém que se salientou mais do que nós.

Perde-se sempre com a comparação.

Maria Benedita

COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. NA GRANJA

No mato

Em tôda a parte se brinca alegremente

Jogos no mato

Foto Beleza Porto

Um molho de caruma

Descanso bem ocupado

TRISTES dias de Colónia que passaram, para nós, como vinte minutos de um dia cheio de sol, na luminosidade bendita dêste cantinho aconchegado da Costa Verde que é a praia da Granja.

Vós não sabeis, queridas raparigas da Mocidade, que não tivestes umas férias como as nossas, o que foram êstes vinte dias — não podeis sequer, calculá-lo. A nós, não esquecerão fàcilmente, dissemo-lo na festa-despedida do último dia, ao agradecer à querida Direcção da Colónia o muito que fez para nos tornar agradável o pouco tempo que aqui passámos; dissemo-lo — e podemos repeti-lo.

Gostámos da nossa casa, à primeira vista das àleazinhas sossegadas do jardim, do belo panorama das janelas dos quartos e do salão, do aconchêgo gentil da casa de jantar, das cobertas de flôres — azuis e verdes, — nas caminhas pequenas...

Gostámos do nosso cantinho, na praia de areia doirada e fina, dos rochedos à flor da água, por onde a espuma branca das ondas tece rendilhados de maravilha, do azul-verde do mar amigo, do horizonte largo, a perder-se nas brumas da manhã ou nos tons vermelho-opala do entardecer...

Gostámos muito, muito, do descer da bandeira, ao fim da tarde, quando o azul do céu é mais meigo, o verde das árvores mais manso, e a graça de Deus parece descer, com as últimas tonalidades do dia, sôbre a Terra em murmúrios de prece...

Gostámos dos passeios no pinhal cerrado, do nosso animado dia de campismo, de cada episódio do passeio a Viana do Castelo, que só a chuva miùdinha veio prejudicar...

Gostámos, finalmente, do recreio, no salão, à noite, da leitura do diário, dos momentos benditos da oração da noite, diante de Jesus Crucificado, a agradecer um dia mais de vida e bênçãos.

Fizeram-se os diários, os ciclos de estudo, os dois primeiros números do nosso jornal — «Maré Alta». — Leu-se, escreveu-se... — trabalhou-se a rir e a cantar.

Foi, assim, muito a traços largos, a nossa vida na Colónia, numa palavra: paz, a paz abençoada por Deus, que se desdobra em alegria e amor, em prece e trabalho — em vida plena.

Raparigas — irmãs nossas da Mocidade!

Na Granja, a bandeira da Mocidade subiu alta, no nosso mastro; na Granja, a bandeira da Mocidade gravou, mais fundo, nos nossos corações, os seus sete castelos e as suas cinco quinas.

Na Granja, a Mocidade esteve alerta!

Granja — Agôsto de 1945

Cândida Amélia Portugal Brandão Estrêla
(Chefe de Grupo — Província do Douro Litoral)

PARA LER AO SERÃO

GENTE NOVA

III

José Paulo Ribeiro Sales era um rapaz inteligente, vivo, trabalhador: e o pai revia-se nêle com orgulho. Acabado o curso de Ciências Económicas e Financeiras com brilho, José Paulo preparava-se para uma eventual ida à África, onde lhe parecia poder empreender trabalhos de futuro. Não sabia ainda bem em que consistiriam êsses trabalhos; a sua ambição era tão grande!

Herdara da mãe, senhora alentejana de fartos recursos, uma fortuna boa: queria agora desenvolver êsse capital de umas centenas de contos em emprezas de futuro, com rendimentos grandes...

— Reconheço que sou ambicioso, Pai — disse êle uma tarde — Será defeito ou qualidade?

O pai sorria, indulgente.

— E's da tua época José Paulo: quando eu tinha a tua idade e comecei a advocacia a minha maior ambição era casar com a tua mãe, e... entrar na politica. Só apreciava o dinheiro para viver bem, sim, mas sem luxo. Vocês agora, gente nova...

— Desculpa, Pai, que eu te interrompa — cortou José Paulo — nós, os de hoje, não podemos ser felizes sem tôdas aquelas coisas, (eu nem as considero luxo, afinal), que só com dinheiro, e muito dinheiro, se podem obter.

O pai ficou cismático.

— Viver sem automóvel, sem cavalos, sem criados, sem tudo o que a vida moderna pode dar-nos, chego a pensar... que nem vale a pena viver... — continuou José Paulo.

— Mas então, José Paulo, em que altura pões tu o amor, o estudo, o trabalho, os filhos, o lar, e tantas outras coisas que são a essência pura da nossa vida?

José Paulo deitou fora o Camel que fumara até meio.

— Tudo isso junto, Pai, está para mim abaixo da minha ambição. Quero ser rico, antes de mais nada. Depois, casar com a Francisca Tereza: é a única rapar ga que me interessa a valer.

— Mostras que te não falta bom gôsto; mas... tens assim a certeza de ser correspondido? Já lhe falaste?

José Paulo, pensativo, não respondeu logo. Depois, disse:

— E' estupenda: não caso com outra.

O pai respondeu, a sério:

— Quando tiveres a certeza disso, eu falarei aos pais e ao avô, pois tenho por aquela gente a maior consideração. Mas enquanto levares a vida boémia que levas, não me inspiras confiança, José Paulo.

O rapaz encolheu os ombros e tornou, sorrindo:

— Já te disse, Pai, que o n.º um para mim é a ambição e mais nada. Tenho amanhã um encontro importantissimo para a minha vida: um estrangeiro que precisa de um técnico financeiro para uma grande Companhia que se vai formar.

— Onde é isso?

— Coisas da América; por ora não te posso dizer nada. Mas se isto fôr avante, Pai, ainda virás a ter um filho milionário!

— No fundo, tenho pena que não quisesses seguir a minha carreira — observou o pai — O Direito é, e será sempre, a mais nobre de tôdas as carreiras!

— Acho o teu entusiasmo qualquer coisa de formidável, Pai! Mas essa carreira nobre não me satisfazia a mim. As grandes fortunas mundiais foram alguma vez feitas pelos grandes advogados?!

— Mas quem pensa aqui na fortuna? — exclamou o pai, um pouco impaciente — O dinheiro nunca foi um fim nobre, José Paulo: e a minha maior ambição de advogado sempre foi de ordem intelectual e altruista!

José Paulo abraçou o pai, e disse:

— Não te zangues; e convence-te que somos de épocas diferentes, apesar de haver só 25 anos de intervalo nas nossas idades... Tu ainda tens romantismo, Pai; ainda, no teu tempo, vocês eram capazes de escrever cartas às namoradas, cheias de baboseiras... Nós, hoje, vamos para o telefone dizer-lhes que são mesmo estupendas, encontramo-nos em maillots de banho nas piscinas ou nas praias; achamos que a fita nova é bestial, etc.

— E tudo isso é bem destituido de poesia — tornou o pai, com desconsôlo — Contanto que seja para vocês a felicidade — acrescentou.

— Essa coisa de felicidade, também já não é o que era. Pois tu conheces algum rapaz capaz de se satisfazer com o amor e a cabana? — tornou José Paulo.

— Julgo que a Francisca Tereza seria bem capaz disso, meu filho — respondeu o pai.

— A Tété? Não deve ser uma dessas piégas.

— Piégas?!

— Lá estás tu a ferver, Pai. Para nos satisfazermos com a tal cabana era essencial... que lá houvesse poltronas maple, telefonia, duches, um bar bem fornecido: pelo menos, ouviste?

— Chegas a parecer-me cinico, meu filho — concluiu o pai, quási com tristeza.

— Quando te convencerás que o mundo mudou depois da guerra? E agora vou-me à vida, Pai: trata-se do tal encontro que deverá ter para mim enorme importância.

— E quem é esse estrangeiro? — preguntou o pai, desconfiado.

— Nem sei de que terra vem: talvez da Roménia ou do Egipto; se não fôr da Argentina ou do México.

— Gostava mais de te ver metido com gente portuguesa, José Paulo.

— Porquê, Pai?

— Na nossa terra não têm, bem sei, êsses grandes vôos, êsses enormes impulsos, essas audácias...

— Por cá raras vezes se passa da cêpa torta — cortou José Paulo.

— Não é tanto assim; há belissimas fortunas. Mas, pelo menos, todos se conhecem, todos sabem quem são uns e outros, quem eram os pais, os avós...

Êsses estrangeiros, que vêm Deus sabe de onde, que confiança podem inspirar-nos? Nenhuma...

— Até logo, Pai — concluiu o rapaz, rindo, e saindo apressado.

(Continua)

CORRESPONDÊNCIA

MAIS duas cartas de Filiadas me vieram às mãos: e, na verdade, talvez fôssem e tas as que mais me chegaram ao coração... Porque fôssem mais bem escritas? Não. Confesso que nestas cartinhas dou mais importância ao pensamento que as dita do que ao estilo em que são redigidas. Por se entusiasmarem ambas as autoras pela «Maria Rita, solteira» e a considerarem (o que tanto me alegra!) como um livro bom, útil, interessante? Mas isto foi igualmente patenteado em muitas outras cartas de raparigas, que tão gentilmente quiseram escrever-me as suas impressões. Há, pois, mais alguma coisa, nestas duas últimas (?) cartas, uma vinda da Ilha da Madeira, outra de Esposende. Margarida de Cassia, do Funchal, escreve com o coração nas mãos e êsse género é sempre encantador pela sinceridade que revela. A sua carta respira uma das coisas que eu mais preconiso: a alegria de viver! Sente-se, nas suas frases, o optimismo são e simples; e, por isso, a Maria Rita foi para ela uma espécie de auto-biografia. E outra coisa senti na carta de Guida, uma das Margaridas que se encontram por todo Portugal, diz ela: a calma vida de familia; simples, portuguesa, cristã.

A carta de Fernanda Marinho, de Curvos (Esposende) não me comoveu pela nota afectiva, nem pelo praser, aliás grande, que lhe deu a leitura da minha Maria Rita: e contudo é esta, entre as cartas rece-

COM AS FILIADAS

bidas até hoje, a que tem verdadeira importância para tôdas as colaboradoras do Boletim da M. P. F.! Não a considero como dirigida só a mim: mas a tôdas quantas dão ao nosso jornal o seu espírito, o seu trabalho, a sua alma! E, para tornar bem claras estas minhas palavras, passo a transcrever a parte da carta que as justifica:

«Aqui estou a escrever-lhe não como filiada, pois, pràticamente já não pertenço à Mocidade Portuguesa. Não pertenço, não pela idade pois ainda tenho 20 anos, mas porque, saindo o ano passado da Escola do Magistério Primário, exerço hoje a profissão de professora oficial. Apesar de não poder usar já o meu emblema nem vestir a minha farda, que é guardada com todo o orgulho e com todo o respeito, o meu espírito de rapariga nova segue constantemente a lanterna guiada pela Mocidade Portuguesa. Assino o Boletim desde o 1.º número da sua publicação. O Boletim para mim é como um conselheiro seguro e um guia que não vacila na sua direcção. Com tôda a franqueza digo que é ao Boletim, quási só a êle, que devo a minha formação moral»

Foram estas as palavras que me comoveram! E constituem para tôdas nós, Dirigentes da M. P. F. um motivo da mais pura, da mais profunda alegria!

M. P. de A.

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

CHÁ DA COSTURA

A menina do dia é a Alice; escusa de fingir que não se lembra — declarou Joana.

— Lembro-me perfeitamente — respondeu Alice — tenciono cumprir a minha obrigação; mas com uma condição... — acrescentou.

Tôdas preguntaram, curiosas:

— O que é? O que será?!

— É que se continua a trabalhar na mesma, em lugar de estarem tôdas com os olhos espetados na minha cara!

— Optimo — aprovou Clara.

— A minha idéia hoje é talvez sensaborona — tornou Alice, modestamente — mas tenham paciência, não arranjei outra. Vou ler-lhes alto uma história que achei bonita!

— E' uma bela idéia, Alice — comentou Maria José.

— Então começo já — E Alice, tirando do seu saco um livro pequeno, começou a ler:

— *Era uma vez um Príncipe e uma Princesa que se adoravam e viviam felizes num palácio lindíssimo, no meio de uma floresta de velhos cedros. E todos os dias seguiam abraçados, os olhos presos e as mãos presas também, através dos atalhos verdejantes, aspirando com prazer intenso os perfumes daquela verdura maravilhosa. Mas nenhum recanto da mata os deliciava tanto como o Lago, sereno, profundo, emoldurado em hortenses azuis, que se dizia ser encantado, e transformar as almas das pessoas... Ali passavam horas, enternecidos, vivendo o seu lindo sonho de amor como se fôssem, êles dois, as únicas criaturas do mundo... Nada mais viam senão as suas pessoas.*

— Porque será que ela nos lê esta história? — murmurou Joana, admirada.

— No fim, digo — respondeu Alice, continuando a ler:

Uma tarde, porém, ao sentarem-se sôbre o musgo aveludado, viram surgir, de entre dois altos loureiros de fôlhas luzidias, uma figura estranha de velha... Em silêncio, passara junto dêles sumindo-se entre os troncos das velhas árvores.

E, no dia seguinte, ao chegarem ao Lago, quási se não admiraram ao ver a Velha sentada numa pedra junto às hortenses azuis. O seu olhar estranho fixava-se no par encantador com tal intensidade que a Princesa exclamou:

— *Mas que quereis de nós, Senhora?!*

Então a Velha apontou com a mão descarnada a multidão de peixinhos que ali esperavam, sem dúvida, algumas migalhas. E os dois, partindo o pão da sua merenda, distribuíram-no alegremente pelos habitantes do Lago. Olharam, então, em redor.

Na beira do Lago, bandos de sapos pequeninos saltavam das pedras para a água em prodígios de acobracia! Pássaros chilreavam, alegres, sôbre os ramos das árvores; pingos de resina, como enormes brilhantes, luziam sôbre os troncos cobertos de musgo... Porque razão, no egoísmo do seu amor, só agora, sob o olhar e a mão descarnada da Velha do Lago, observavam e viam estas maravilhas?

Em tudo sentiam, agora, a Harmonia, a Beleza, o Interêsse, a Vida de milhares de sêres, trabalhando na eterna luta pela existência... Estariam transformadas as suas almas?

— *Eu só via, na Vida, o nosso amor... — murmurou a Princesa.*

— *E hoje também eu me sinto diferente do que era — disse o Príncipe — quereria espalhar o Bem, ser útil, trabalhar...*

— *Quem será a Velha do Lago? — tornou a Princesa, pensativa, vendo avançar para êles a estranha figura.*

«Eu sou a Vida obscura dos Humildes, dos Pobres, dos Pequeninos... Ninguém me vê senão com os olhos da alma! e a princípio sou feia, escura, triste... Mas quando me conhecem e me amam, ah Príncipe! assim me transformo até à mais pura beleza!» — e, de repente, a Velha do Lago, num clarão luminoso, apareceu transformada maravilhosamente»!

Então o Príncipe, abraçado à Princesa, disse baixinho:

— *Não esqueceremos nunca, na nossa vida dôce e feliz, a vida dos Humildes, dos Pobres, dos Pequeninos...*

— *E ela nunca mais será feia, escura, triste... — murmurou a Princesa, comovida.*

Assim abraçados, radiantes como nunca, o coração aberto a tôdas as manifestações da Vida, o Príncipe e a Princesa afastaram-se do Lago encantado. E nunca ventura maior foi celebrada no mundo do que a daqueles bons príncipes em cujo reino não havia fome, nem ignorância, nem tristeza, nem egoísmo...

— Mas porque razão nos lêste êsse conto, que é tirado de um livrinho que até já li há anos?! — preguntou Joana, admirada.

— Creio que compreendi a tua idéia, Alice — disse Clara.

— Eu explico — respondeu Alice. — Ao reler, por acaso, êste contosinho, fiquei a pensar no seu simbolismo simples, sabem?

— Mau, mau, lá começam vocês a falar difícil — resmungou Joana.

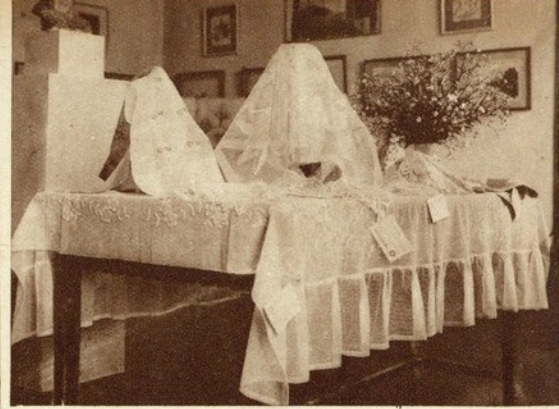
— Não, Joana, nada disso. Mas é certo, certíssimo que, muitas vezes, se vive bem egoìstamente, passando ao lado de tantas outras vidas, de tantas outras coisas, sem querer vê-las, sem querer conhecê-las, sem querer tentar remediá-las...

— Tens imensa razão, Alice: e da tua leitura poderemos formar um propósito útil e, empregando a palavra que vocês tanto usam, *estupendo*: — declarou Clara, risonha — é o propósito de banir da nossa vida, para sempre, o *egoísmo*!

— Viva a Alice! — gritou a impetuosa Joana.

— Olha que tiveste uma idéia colossal! — concluiu Maria José.

notícias da M. P. F.

Aspectos do VIII Salão de Educação Estética

VIII Salão de Educação Estética da M. P. F.

Maio de 1945

LISTA DOS PRÉMIOS ATRIBUÍDOS

GRUPO A — CENTROS EM ESCOLAS INDUSTRIAIS E CASAS DE TRABALHO

1.º *Secção artística* — Desenho, pintura, escultura, arte aplicada, cartonagem, objectos para adôrno do lar, fotografia, etc.

1.º *Prémio (Diploma honorífico e 500$00)* — CAIXA PARA JOIAS BORDADA A ESCAMAS: Maria Aurelinda Sousa Dias — Lusa. Centro n.º 2 em Ponta Delgada. Esc. Industrial «Velho Cabral».

2.º *prémio* e 3.º *prémio* — Não foram atribuídos.

Menções (Diplomas honoríficos e 100$00) — CAIXA PARA LENÇOS: Maria Isabel Pereira Veloso — Centro n.º 1. Ala 3 — Estremadura. Instituto de Odivelas. — CAIXA PARA COSTURA Maria da Conceição Bacelar — Centro n.º 1. Ala 3 — Estremadura Instituto de Odivelas.—ALBUM: Ilda Maria Martins Franco—Lusa. Centro n.º 2 — Ponta Delgada Esc. Industrial «Velho Cabral — «RIQUESA INÚTIL» (ILUSTRAÇÕES NUM CONTO): Maria das Dôres Silva — Vanguardista. Centro n.º 4. Ala 2 — Minho. Esc. Industrial Bartolomeu dos Mártires — Braga. — CAPA DE LIVRO: Maria Edith Pinto Vinhais—Vanguardista. Centro n.º 3. Ala 1 — Douro Litoral. Esc. Ind. «Infante D. Henrique» — Porto.

2.ª *Secção lavores femininos* — Bordados, rendas, tapeçarias.

1.º *Prémio (Diploma honorífico e 500$00)* —RENDA «GENTE DO ALENTEJO»: Antónia Martins Carrajota — Vanguardista. Centro n.º 3. Ala 2 — Alto Alentejo. Esc. Ind. Fradesso da Silveira — Portalegre.

2.º *Prémio (Diploma honorífico e 300$00)* —PANO «BORDADO DA BRETANHA: Elvira Silvestre—Vanguardista. Centro n.º 1. Ala 9—Estremadura. Esc. Ind. Rafael Bordalo Pinheiro — C. da Rainha.

3.º *Prémio (Diploma honorífico e 200$00)* —PANO BORDADO: Luciana Sengo Silva — Vanguardista Centro n.º 23. Ala 2 — Estremadura Esc. Ind. Afonso Domingues—Lisboa.

Menções (Diplomas honoríficos e 100$00) — APLICAÇÃO EM BILROS: Idalina Maria Imaginário—Infanta. Centro n.º 1. Ala 2—Algarve. Esc. Ind. Vitorino Damásio—Lagos — CENTRO DE MESA COM ESCUDOS E FILIADOS: Maria Luisa Rocha Cardoso — Vanguardista. Centro n.º 2—Ponta Delgada. Esc. Ind. «Velho Cabral» — PANO BORDADO PONTO CRUZ: Florinda Fialho —Infanta. Centro n.º 78. Ala 2 — Estremadura. Albergue das Crianças Abandonadas — Lisboa. — TOALHA: Maria Fernanda Morais—Vanguardista Centro n.º 4. Ala 2. —Minho. Esc. Ind. Bartolomeu dos Mártires — Braga.

4.º *Secção industrial*—Peças de Vestuário e paramentos religiosos.

1.º *Prémio (Diploma honorífico e 500$00)* —BLUSA BRANCA: Maria Teresa Cancela Fonseca—Lusa. Centro n.º 24. Ala 2 — Estremadura. Esc. Ind. Machado de Castro — Lisboa.

2.º *Prémio (Diploma honorário e 300$00)* — ALVA: Eufrázia de Jesus—Vanguardista Centro n.º 9. Ala 1—Alto Alentejo. Casa Pia Feminina — Évora.

3.º *Prémio (Diploma honorífico e 200$00)* —CASULA, MANÍPULO, BOLSA ETC.: Maria Angélica Bragança Passos—Lusa. Centro n.º 1. Ala 3—Estremadura. Instituto de Odivelas.

Menções (Diplomas honoríficos e 100$00) —CARTEIRA E CINTO EM MACRAMÉ: Alcina Pinto Leitão — Vanguardista. Centro n.º 30. Ala 1—Douro Litoral. Esc. Ind. Infante D. Henrique — Porto—BLUSA. Lucilia Redondo Reis — Vanguardista. Centro n.º 2 — Ponta Delgada. Esc. Ind. «Velho Cabral»—VESTIDINHO DE CRIANÇA: Ana Maria Pedro—Vanguardista. Centro n.º 49. Ala 2 — Estremadura. Casa de Trab. de Assistência Inf. St.ª Isabel — Lisboa — CHAPÉU DE PALHA Ana de Jesus Careano —Infanta. Centro n.º 49. Ala 2—Estremadura. Casa de Trab. de Assistência Int. St.ª Isabel — Lisboa. — TOALHA DE ALTAR: Teresa Vera — Vanguardista. Centro n.º 9. Ala 1—Alto Alentejo. Casa Pia Feminina — Évora.

GRUPO B — CENTROS EM LICEUS, COLÉGIOS E ESCOLAS COMERCIAIS

1.º *Secção artística* — Desenho, pintura, escultura, arte aplicada, cartonagem, objectos para adôrno do lar, fotografia, etc.

1.º *Prémio (Diploma honorífico e 500$00)* — CONJUNTO DE MOBÍLIA DE QUARTO DE ESTUDO: Maria de Lourdes Reis Silva — Vanguardista. Centro n.º 2. Ala 2 — Estremadura. Liceu D. Filipa de Lencastre—Lisboa.

2.º *Prémio (Diploma honorífico e 300$00)* — AGUARELAS: Maria Teresa Navarro David — Vanguardista Centro n.º 4. Ala 2 — Estremadura Liceu D. Filipa de Lencastre (Centro extra-escolar) — Lisboa.

3.º *Prémio (Diploma honorífico e 200$00)* — AGUARELAS Maria Margarida Tengarrinhas—Vanguardista. Centro n.º 3. Ala 2 —Estremadura. Liceu Pedro Nunes — Lisboa.

Menções (Diplomas honoríficos e 100$00) — BONECAS E TRABALHOS DE EMPREITA: Maria João Amaro Correia — Lusa. Centro n.º 1. Ala 1 — Algarve. Liceu João de Deus — Faro — ILUMINURA «A NEVE VENCIDA»: Maria Antónia Luna — Lusa. Centro n.º 3. Ala 2 — Estremadura Liceu. Pedro Nunes — Lisboa.—DESENHOS: Maria Manuela d'Orey — Vanguardista. Centro n.º 11. Ala 2—Estremadura. Curso do S.º Coração de Jesus — Lisboa — ALBUM «A MINHA BEIRA É LINDA»: Dalila do Amaral Coelho—Lusa. Centro n.º 2. Ala 1 —Beira Alta. Colégio Imaculada Conceição — Viseu — ESPELHO: Maria do Sameiro—Vanguardista. Centro n.º 3. Ala 3 — Douro Litoral Esc. Com. Rocha Peixoto — Póvoa de Varzim.

2.º *Secção de Lavores Femininos* — Bordados, rendas, tapeçarias.

1.º *Prémio (Diploma honorífico e 500$00)* — BIOMBO: Maria Cândida Cunha Lopes — Vanguardista. Centro 1. Ala 2 — Estremadura. Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho — Lisboa.

2.º *Prémio (Diploma honorífico e 300$00)* —TOALHA DE MESA: Maria Zulmira Mo-

rais—Lusa. Centro n.º 3. Ala 1—Douro Litoral. Colégio N.ª S.ª do Rosário—Porto.

3.º Prémio (Diploma honorífico e 200$00) —TOALHA DE VEADOS: Maria Margarida Afonso dos Reis—Vanguardista. Centro n.º 6. Ala 4—Estremadura. Colégio de S. José—Sintra.

Menções (Diplomas honoríficos e 100$00) —NAPERON EM CROCHET ARTÍSTICO: Sofia Maria Amador—Lusa. Centro n.º 83 Ala 2—Estremadura. Colégio Garrett—Lisboa—TOALHA DE CHÁ COM BONECOS: Maria Fernanda C. Sequeira—Vanguardista. Centro n.º 1. Ala 2—Estremadura. Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho—Lisboa—PANO EM FRIOLEIRA: Maria Mécia de Freitas Leça—Lusa. Centro n.º 17. Ala 1—Douro Litoral. Centro Universitário—Porto—COLCHA BORDADO CASTELO BRANCO: Maria Loreto Machado Lacerda—Lusa. Centro n.º 3. Ala 3—Alto Douro. Colégio S. José—Vila Real—CONJUNTO DE ALTAR: Custódia Araújo Ferreira—Infanta. Centro n.º 10. Ala 2—Minho. Colégio D. Pedro V—Braga.

4.º Secção industrial—Peças de vestuário e paramentos religiosos.

1.º prémio—Não foi atribuido.

2.º Prémio (Diploma honorífico e 300$00) —ALMOFADAS: Maria Fernanda Marçal e Maria Teresa Silva—Vang. e Lusa. Centro n.º 1. Ala 2—Estremadura. Liceu D. Filipa de Lencastre—Lisboa.

3.º Prémio (Diploma honorífico e 200$00) —VESTIDINHO DE CRIANÇA Maria de Lourdes Pinto Correia—Infanta. Centro n.º 2. Ala 2—Estremadura. Liceu D. Filipa de Lencastre—Lisboa.

Menções (Diplomas honoríficos e 100$00) —VESTIDINHO: Ana Camacho Ribeiro—Infanta. Centro n.º 2. Ala 2—Estremadura Liceu D. Filipa de Lencastre—Lisboa—MALA E CINTO: Maria de Lourdes Polainas—Vanguardista. Centro n.º 2. Ala 2—Estremadura. Liceu D. Filipa de Lencastre—Lisboa—A CAMISA ATRAVÉS DOS TEMPOS: Maria Rosa Lila—Lusa. Centro n.º 20. Ala 2—Estremadura. Escola João de Barros—Lisboa.

GRUPO C—CENTROS EM ESCOLAS PRIMÁRIAS

1.º Secção artística—Desenho, escultura, pintura, arte aplicada, cartonagem, objectos para adôrno do lar, fotografia, etc.

Menções (Diplomas honoríficos e 50$00) —CARRO DE MADEIRA: Dolinda Pinto (representando 1 grupo de Lusitas) Centro n.º 38. Ala 1—Douro Litoral. Escola Primária—Porto—CÊSTO DE COSTURA: Celeste Conceição Severino—Lusita. Centro n.º 47. Ala 2—Estremadura. Escola Primária n.º 88—Lisboa—ALBUM TRABALHOS MANUAIS: Fernanda Amélia Fonseca—Infanta. Centro n.º 6. Ala 1—Beira Alta. Escola Primária Feminina—Vizeu—DESENHO «A MONTRA DOS BRINQUEDOS»: N.ª Virginia Nunes Borges—Infanta. Centro n.º 34. Ala 2—Estremadura. Escola Primária n.º 16—Lisboa—ESTUDO A ÓLEO: Aida Maria Furtado—Infanta. Centro n.º 34. Ala 2—Estremadura. Escola Primária n.º 16—Lisboa—CASA. Maria da Soledade Santos—Infanta. Centro n.º 42. Ala 2—Estremadura. Escola Primária n.º 23—Lisboa.

2.º Secção lavoures femininos—Bordados, rendas e tapeçarias.

Menções (Diplomas honoríficos e 50$00) —PANO EM CROCHET: Maria Teresa Lopes Brandão—Infanta. Centro n.º 46. Ala 2—Estremadura. Escola Primária n.º 17—Lisboa—NAPERON EM TULE E RENDA: Olga Gouveia Nunes—Lusita. Centro n.º 47 Ala 2. Estremadura. Escola Primária n.º 88—Lisboa—LENÇOL, ALMOFADA: Ida Teixeira—Infanta. Centro n.º 71. Ala 2—Estremadura. Asilo da Junqueira—Lisboa—PANOS BORDADOS A PONTO CRUZ: Maria Noémia Reis—Vanguardista. Centro n.º 29. Ala 2—Estremadura. Escola Primária n.º 39—Lisboa—SACO DE TRABALHO: Helena Costa Silveira—Infanta. Centro n.º 1. Ala 4—Baixo Alentejo. Escola Primária n.º 1—Ferreira do Alentejo.

4.º Secção industrial—Peças de Vestuário e paramentos religiosos.

Menção (Diploma honorífico e 50$00) —VESTIDO DE CROCHET: Gabriela Godinho Gonçalves—Infanta. Centro n.º 38. Ala 2—Estremadura. Escola Primária n.º 71—Lisboa.

LISTA DOS PRÉMIOS ATRIBUÍDOS AOS TRABALHOS LITERÁRIOS

GRUPO A—CENTROS EM ESCOLAS INDUSTRIAIS E CASAS DE TRABALHO

Secção literária—Composições em prosa ou em verso, ilustradas ou com desenhos.

1.º, 2.º e 3.º prémios—não foram atribuidos.

Menção e 100$00—A SÉ DE BRAGA: Maria da Conceição Palmeira. Centro n.º 4. Ala 2—Minho. Escola Industrial Bartolomeu dos Mártires—Braga.

GRUPO B—CENTROS EM LICEUS, COLÉGIOS E ESCOLAS COMERCIAIS

1.º Prémio (Diploma e 500$00)—AS AVENTURAS DE JOÃOZINHO: Maria da Graça Leite Marreiros—Vang. Centro n.º 4. Ala 2—Estremadura. Centro extra-escolar—Lisboa.

2.º Prémio (Diploma e 300$00)—GLÓRIA A TI PORTUGAL: Dulce Barbosa Geraldes—Lusa. Centro n.º 1. Ala 2—Minho. Liceu Sá de Miranda—Braga.

3.º Prémio (Diploma e 200$00)—DONA NEVE VENCIDA Celeste Menina Morgado: Centro n.º 3. Ala 2—Estremadura. Liceu Pedro Nunes—Lisboa.

Menções e 100$00—FLOR PISADA: Irene Mendes—Vanguardista. Centro n.º 3. Ala 2—Estremadura. Liceu Pedro Nunes—Lisboa—3 CONTOS: Maria das Dores Carrington—Lusa. Centro n.º 1. Ala 2—Minho. Liceu Sá de Miranda—Braga—OS CASTELOS DE PORTUGAL: Maria de Lourdes Pintassilgo—Vang. Centro n.º 2. Ala 2—Estremadura. Liceu D. Filipe de Lencastre—Lisboa—JORNAIS DE PAREDE: Um Grupo de filiadas. Centro n.º 20. Ala 2—Estremadura. Escola João de Barros—Lisboa—COMO GLORIFIQUEI MINHA MÃE: Maria Amália Fernades—Infanta Centro n.º 24. Ala 1—Douro Litoral. Escola Com. Oliveira Martins—Porto.

GAUPO C—CENTROS EM ESCOLAS PRIMARIAS

Menção e 50$00—PORQUE ME ORGULHO DE SER PORTUGUESA: Maria Celeste Ferreira—Infanta. Centro n.º 39. Ala 2—Estremadura. Escola Primária n.º 70—Lisboa.

NOMEAÇÃO DE DIRIGENTES—PORTO

Directoras do Centro	Centro	Séde
D. Amélia Gonçalves de Azevedo	90	Esc. Pr. de Leiroz—Pedroso
D. Lucília da Silva Justino Fernandes	91	» » n.º 11 de Alumiar—Canidelo
D. Henriqueta Paiva Freixo G. da Silva	92	» » » 13 de Casalinho—Crestuma
D. Maria Rosa Vieira Nobre	93	» » » 14 de Santo António—Grijó
D. Ana Clementina Monteiro	94	» » » 15 de Loureiro—Grijó
D. Ana Pinho da Fonseca	95	» » » 20 de Capela—Gulpilhares
D. Otília das Dôres Frias Leitão	96	» » de Pala—Gulpilhares
D. Maria Gomes da Cruz	97	» » » 17 de Covêlo—Lever

Alguns dos trabalhos literários que pela sua bela apresentação se distinguiram

Como na história da Carochinha

E o rapaz, verificando a sua capacidade de trabalho, pensa que encontrará nela uma boa companheira para o seu lar

Pega na vassoura...

Ao acabar de varrer, põe o cântaro à cabeça...

TENDES ouvido contar que foi quando andava a varrer a casa que a Carochinha encontrou cinco réis e se pôs à janela clamando: — «Quem quer casar com a Carochinha que é rica e formozinha?»

Passou o João Ratão e a Carochinha arranjou marido.

Por esta história da Carochinha e pelo que li há dias sôbre casamento no Congo Belga, convenço-me que a vassoura tem grande influência no casamento!

Raparigas que me lêdes e que desejais ir à igreja com um João Ratão de voz dôce e maviosa, para vosso bem vos aconselho: tende no devido aprêço a vassoura!

Foi ela que deu o dote à Carochinha e é ainda ela que no Congo Belga conquista às raparigas um belo e tatuado noivo!

Vou contar-vos o que li. Quando, na raça dos «bahutus» uma rapariga deseja casar, não se dirige aos lugares onde se dança e onde, habitualmente, nas outras tribus, se arranjam os casamentos.

Pega na vassoura e todos os dias sai a varrer cuidadosamente o caminho que leva à sua choupana. Acaba sempre por passar algum rapaz que a nota e pára a contemplar o desembaraço e a perfeição com que aquela Carochinha se serve da vassoura. Não diz nada. Mas encanta-se na graça dos seus movimentos e pensa lá para consigo, sensatamente: — «E' trabalhadora e asseada: serve-me para mulher!»

No dia seguinte volta. Olham-se em silêncio, mas entendem-se e sorriem-se...

Ao acabar de varrer, a rapariga põe o cântaro à cabeça e dirige-se para a fonte. Êle segue-a de longe, admirando o seu andar airoso e gostando de vê-la ocupada naqueles serviços caseiros.

Outras vezes a rapariga enfia um cesto no braço e parte para o campo, onde ajuda os irmãos a cultivar a terra.

Como uma sombra, o rapaz acompanha-a, e fica-se a observá-la a distância, curvada sôbre a terra, de que ela e os seus tiram o sustento de cada dia.

E o rapaz, verificando a sua capacidade de trabalho, pensa, e com razão, que encontrará nela uma boa companheira para constituir o seu lar. Agrada-lhe a sua figura, convêm-lhe as suas qualidades — resolve-se a pedi-la em casamento! Encarrega um amigo de ir falar com os pais da rapariga; se êstes concordam, começa o namôro e depois, na bôda, então sim, é que é dançar!...

Se a noiva leva muitas vacas, (conforme os haveres da familia recebe em dote maior ou menor número de vacas) melhor! Mas se é pobre, leva a riqueza das suas mãos, os seus hábitos de trabalho, e ajudará a ganhar as «vacas» que lhe faltam!

Não é verdade que as raparigas «Bahatus» são sensatas e os seus pretendentes dão também prova de bom senso?

A formosura, ou simplesmente la beauté du diable *que os vossos 18 anos possuem sempre, não bastam para vos merecer a escolha de um rapaz, com garantias para a felicidade do seu futuro lar. «Enganadora é a graça e vã a formosura».*

As qualidades da «mulher forte», aquela de que «o valor é maior do que o dos bens que vêm dos confins do mundo» serão o vosso melhor dote.

E quereis saber quais são as virtudes dessa mulher ideal em que «o coração do marido confia?»

E' activa: «procura a lã e o linho e alegre trabalha nêles com as suas mãos».

E' empreendedora e económica: «pensa num campo, compra-o, e planta nêle uma vinha com o produto das sua mãos».

E' caritativa: «estende a sua mão ao indigente e o seu braço ao pobre».

E' previdente: «não receia na sua casa nem o frio nem a neve, porque todos, até os criados, têm roupa em dobrado».

Ama a beleza e o confôrto: «fabrica para o seu lar tapeçarias e faz os seus vestidos de bom linho e de púrpura».

E' discreta nas suas palavras: «fala com sabedoria e a sua lingua é clemente».

E' alegre: «porque não come o pão na ociosidade, espera alegre o futuro».

Era assim que Salomão descrevia a «mulher forte» — a mulher ideal.

Queridas raparigas, se êste fôr o vosso retrato, sereis escolhidas e amadas, e aquêle que vos der o seu nome enobrecerá o seu próprio nome, porque — é ainda Salomão quem o diz — «a virtude da mulher enobreceu o marido».

E, se Deus vos der filhos, essas virtudes refletir-se-ão nêles em felicidade!

Maria Joana Mendes Leal

TRABALHOS DE MÃOS

Malhas

SETEMBRO traz-nos já uns dias mais frescos anunciando os dias frios de inverno. Apetece já trabalhar em malhas. E' agradável e divertido fazer camisolas novas, mesmo que seja com lãs antigas.

Desmancham-se as malhas e dobra-se a lã em meadas que se atam em várias pontas para que se não embrulhem ao lavar.

Desfaz-se em água morna sabão de sêda e bate-se a água com a mão para fazer bastante espuma. Mergulham-se as meadas e apertam-se com as mãos para largarem a sujidade. Mas não se esfregam. Deixam-se mergulhadas bastante tempo, e depois passam-se em várias águas e penduram-se à sombra!...

Depois de sêca a lã, fazem-se novelos, e... mãos à obra!

Saco de crochet às riscas das mesmas côres da camisola.

Camisola e boné. Êste conjunto fica muito engraçado para quem tiver cabelo curto e encaracolado.

★

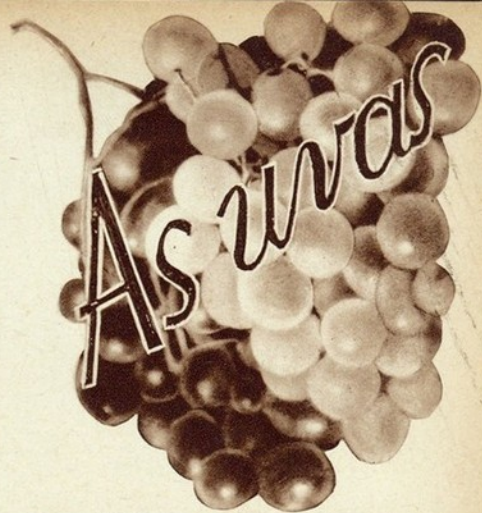
Casaquinho em tricot e saco em crochet muito bonitos numa côr garrida.

Camisola de tricot «às cordas» para usar sôbre uma blusa braca

Coletinho em crochet com florinhas bordadas e lacinhos de fitilho de veludo preto.

Blusa em tricot «ponto de liga», muito juvenil.

Rede de cabelo feita em crochet.

M. B.

HÁ pelo menos duas épocas no ano em que nos lançamos de alma e coração às grandes limpesas da nossa casa. No Alentejo estas épocas acrescem das grandes «caiações» por fora e por dentro da casa. Ao fim de tantos trabalhos é um consôlo ver a casa num brinco a reluzir como nova!

Os automóveis também para durarem em estado de novos têm que ser limpos e lubrificados.

E nós? Ao sol, ao ar, nas praias e nos campos façamos «pele nova» também.

Setembro é o mês das uvas. Aproveitemo-lo bem. Comamos uvas!

As uvas são um alimento rico e precioso.

Tôdas devemos fazer cura de uvas para desintoxicar o organismo. Ficaremos com a pele mais bonita e clara e com melhor saúde. Comei uvas em jejum, pela manhã!

Comei uvas à merenda!

Comei uvas à sobremesa!

Bebei sumo de uva!

A uva tem grande porção de açucar por isso alimenta. Os valentes que tiveram a coragem de fazer «o dia da uva» têm que comer no mínimo 5 K. de uva!

Fígado, rins, estômago, tudo vai ficar «lubrificado».

RAPARIGAS DE ONTEM MULHERES DE SEMPRE

"Cantaline" a sincera

do que os nossos — certamente! Não conheceu o pai, a mãe morreu era ela tão criança, a avó raramente lhe mandava notícias, o marido deixou-a viúva tão cedo, a filha que ela idolatrava casou e foi viver para a Provença a muitas léguas de distância, e nesse tempo as viagens eram difíceis. Quantos dissabores! Que cartas teríamos nós escrito nestas circunstâncias?

Lamentações, mais amargas que as do próprio Jeremias!

Mas a Marquesa aprendera desde menina a encontrar e apreciar as belezas que a vida encerra; a ser amável para com todos, a não se entregar aos seus desgostos, a não afligir demasiado aquêles que a rodeavam. Ser natural para ela, era vencer-se. Por isso a alma lhe ficou grande, e o espírito jovem.

Com essa grandeza de alma julgou e apreciou tudo o que a rodeava, comunicando-nos sem esfôrço o seu optimismo. «Quando começo a escrever (dizia-o à filha em 1677) não sei onde isto irá parar... é a minha pena quem tudo governa»... e durante vinte e cinco anos, essa pena fiel falou dos homens e das coisas do seu tempo, erguendo assim um monumento vivo, cintilante de graça, repassado de espiritualidade, mas onde sobressai, como jóia de alto preço a sinceridade dos seus maiores, que a pequena Cantaline recolheu e que a marquesa soube conservar como dom inestimável.

Adriana Rodrigues

(Continuação da pág. 4)

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

Passeio do M. P. F. a Mata-Mouros

Passeio do M. P. F. a Caldas de Monchique

Portugal Luz do Mundo

Num dia claro e sereno
De manhã ridente e bela,
Serviu o Tejo de bêrço
A' mais linda caravela.

Boa gente, gente heróica
Nela vai com segurança,
É que brilha em suas almas
Belo sonho de esperança.

Ela segue sem parar,
Pois é lindo o seu ideal:
Vai sonhando em tornar grande
O seu caro PORTUGAL!

Não há nada que a assuste
Em seu trilhar confiante,
Nem furacões, nem porcelas
Nem o Adamastor gigante.

Passam meses, passam anos,
E ela vai em seu lidar;
Tantas glórias, tantos feitos,
Triunfante há-de contar!

Já avista a rica Índia
E as costas do Malabar.
Mas é só em Calecute
Que ela deseja aportar!

E o seu lindo sonhar
Convertido em ideal,
E' agora a realidade,
Grandeza de Portugal.

. . . .

Esta heróica ousadia,
E' o pasmo do Universo;
Desde então a gente lusa
E' falada em prosa e verso.

São cantados com orgulho
Os heróis de Portugal;
E' que a nobre raça lusa
Será p'ra sempre imortal!

Em Poema de Renome,
Evangelho Nacional,
Brilham nomes gloriosos
De fulgores sem rival!

E' o Imortal Camões
Em linha de ouro e chama;
Vai cantando os Afonsos,
Veloso, Magriço e Gama.

Êle grava o heroismo,
A bravura, a valentia,
Tudo o que a Pátria engrandece,
Com suprema galhardia.

Contente pode afirmar
Com glória, louvor e hosana;

«Não faltarão cristãos atrevimentos
Nesta pequena casa lusitana.»

Maria da Saúdade
Colégio da Imaculada Conceição — Lamego

ALMA NOVA

NASCERA a pequenina Isabel num ambiente suave de sorrisos, carinhos e cuidados. Tudo apetecia, tudo desejava, e, quando por feliz acaso não sorriam solícitos a saciar-lhe um desejo, erguia a cabecita esbelta num gesto gracioso, e com ar arrogante de quem manda, dizia: — eu quero.

Era filha única de pais muito ricos que a adoravam e moldavam a sua vontade à imaginação fértil, cheia de desejos, cheia de caprichos, da criança.

Um dia, ou fôsse por capricho ou por curiosidade, Isabel disse aos pais que queria inscrever-se como filiada na Mocidade Portuguesa Feminina.

E, mais depressa até do que esperava, Isabel caminhou, ao lado de outras raparigas, alegres e felizes.

No primeiro dia em que visitou o Centro, reinava por todo êle cuidadosa e alegre actividade. Aproximava-se o Natal e com êle o dia em que as filiadas ornamentariam o seu bêrço, bêrço que iria fazer a felicidade de uma mãi e as delícias de um sonho de bébé.

Numa salinha côr de rosa, onde o sol entrava francamente através da gaze fina das cortinas costuravam algumas raparigas, em vestidinhos para os pobres. A grandeza sublime daquele quadro não vibrou corda alguma no coração orgulhoso de Isabel; pelo contrário, aflorou-lhe aos lábios um sorriso irónico, e pensou muito para si que era indigno duma «rapariga bem» sujeitar-se a tal.

Acompanhava-a uma filiada graduada. Maria era o seu nome. Filha de gente pobre mesmo muito pobre, era extremamente sensível, e bondosa até ao sacrifício. Em casa, era ela que tratava com meiguice os irmãozitos, três garotos vivos. A mãe revia-se nela com orgulho e isso bastava como recompensa ao coração bondoso de Maria. Nunca deixava transparecer um desejo que sabia seus pobres pais não poderem satisfazer.

Esta, conforme ia apresentando Isabel às outras filiadas e lhe mostrava as inúmeras salas que ela, bem como tôdas as outras, havia ornamentado com carinho, olhava de quando em vez o rôsto de Isabel para poder advinhar as sensações causadas; mas nada, nada parecia tê-la impressionado. Depois que visitaram tôdas as dependências, Maria convidou-a docemente a ajudá-la na costura.

—Não, disse Isabel, sentindo que um leve rubor lhe escaldava as faces, eu não tenho por hábito fazer o que fariam criados meus.

Fôra demasiado cruel, e a bondosa Maria sentiu bem aguda a dôr da crueldade, embora involuntária. Nada disse, mas uma lágrima que lhe aflorou aos olhos foi a repreensão ingénua à insolência de Isabel.

. . . .

Os dias sucediam-se e Isabel sentia-se deslocada no ambiente de carinho, fraternidade e mútuo auxílio criado pelas colegas, e, orgulhosa e altiva, procurava fugir. Maria tentou em vão mostrar-lhe o caminho da verdade. Até que chegou o dia de Natal. Lia-se no rostozinho alegre e fresco das companheiras a felicidade que lhes enchia a alma. Tôdas tinham uma coisa para dar, excepto Isabel. — Para quê? — dizia ela, quando Maria lhe preguntava se não tinha pena de não poder ser útil a alguém. — Com o dinheiro que tenho, poderia, eu só, dar tanta roupa quanta a que tôdas vós ides dar hoje. — Sim, disse Maria com doçura, talvez, mas o que tu jàmais por dinheiro algum poderás comprar é a felicidade, a alegria que nos embala. Não, tu não podes compreender. Êsses vestidinhos que nada representam para ti são o fruto do trabalho que há já tanto tempo nos vem prendendo, são êles que nos dão a alegria e a certeza de que somos úteis. E sentimos uma sensação de prazer infindo ao pensar que as roupinhas que com carinho fizemos vão cobrir algumas centenas de corpitos débeis e nus de criancinhas pobres. Oh! tu não podes sentir porque nunca conheceste nem viste de perto o que é a miséria, êsse flagelo horrível que atormenta os pobres. Nunca ouviste os gemidos dilacerantes duma criancinha transida de frio, que implora pão. Nunca transpuseste o limiar dum casebre escuro onde a mãe jaz sôbre o leito morta de fome e de dôr, contemplando triste os filhitos que tremem de frio e gemem de fome! A dôr louca dessa pobre que diz aos filhos que peçam a Deus que os ajude e a ingenuïdade triste das criancitas que, erguendo para o céu as mãositas rôxas, pedem a Jesus que lhes dê pão. Oh! tu não podes compreender isto!

Isabel chorava. As lágrimas rolavam uma a uma. Num ímpeto de arrependimento, lançou-se, soluçando nos braços de Maria. Quadro enternecedor e lindo de duas almas que se compreendem enfim, e acabam de fundir-se numa só!

— Anda, disse Isabel, eu quero sentir bem perto a verdade das tuas palavras.

Foi assim que Isabel fez a sua primeira visita aos pobres e só então sentiu, de perto, a miséria, a tristeza que até então desconhecia, e viu a alegria que aquelas raparigas simples e bondosas levavam, como perfume, aos lares desamparados. E, no dia seguinte, entregava trémula às companheiras um vestidinho feito pelas suas mãos deshabituadas.

Era o primeiro, nunca fizera nenhum, mas as amigas compreenderam a grandeza do sacrifício, e para ela foram, nesse dia, tôdas as simpatias e carícias.

Isabel era então feliz. Pôde usufruir, enfim, êsse prazer de que lhe falara a amiga, amiga de quem nunca mais se separou.

Os pais deixaram que convidasse Maria para gozar com ela as férias no campo. E mesmo lá, longe das actividades da Mocidade Portuguesa Feminina, elas trabalham em roupinhas para os pobres e é freqüente vê-las passar, através dos campos floridos sob a carícia dum sol que lhes sorri, a caminho da aldeia onde são adoradas pela sua bondade e pelo carinho que espalham. Maria sempre que passa leva nos lábios a frescura dum sorriso, e Isabel a doçura angélica do transbordar de felicidade ao despertar duma ALMA NOVA.

MARIA DAS DORES GARRINGTON
Lusa — Centro n.º 1 Ala 2 Divisão — Minho